



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO PLENA EM HISTÓRIA

VIVIANE DA SILVA MEDEIROS

**A “AUSÊNCIA” DA HISTÓRIA AFRICANA NO LIVRO DIDÁTICO DO
ENSINO MÉDIO**

CAMPINA GRANDE-PB

2014

VIVIANE DA SILVA MEDEIROS

**A “AUSÊNCIA” DA HISTÓRIA AFRICANA NO LIVRO DIDÁTICO DO
ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento as exigências para obtenção do grau de graduada.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza

CAMPINA GRANDE- PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488a Medeiros, Viviane da Silva
A "ausência" da história africana no livro didático do ensino médio [manuscrito] / Viviane da Silva Medeiros. - 2014.
18 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza,
Departamento de História".

1. Ensino de História 2. História Africana 3. Negro 4. Livro Didático I. Título.

21. ed. CDD 372.89

A "AUSÊNCIA" DA HISTÓRIA AFRICANA NO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento as exigências para obtenção do grau de graduada.

Artigo aprovado em: 02/12/2014



Orientadora: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza (DH/UEPB)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Examinador: Profa. Dra. Patrícia Cristina Aragão Araújo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Examinador: Prof. Me. Anselmo Ronsard Cavalcanti

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que é meu alicerce, pois sem acreditar nele não teria forças para concluir nada em minha vida.

A minha mãe e irmãos que são meu porto seguro que me deram apoio emocional financeiro e estímulo para a realização dos projetos da minha vida.

A meus filhos pela compreensão do pouco tempo que dediquei a eles durante esses quatro anos de graduação e aos meus sogros, cunhados e cunhadas pela força e ajuda que me deram não só ao longo do processo acadêmico mas, no decorrer da minha vida. Agradeço também ao meu esposo pelo companheirismo.

As minhas "abigas" pela enorme ajuda ao longo de toda a minha história acadêmica. Em especial a Mily por me acalmar nos meus muitos momentos de desespero, a Thayse pela ajuda em todos os trabalhos que fizemos juntas e os que não fizemos também. A Kenya por todas as vezes que precisei de sua ajuda ela nunca se negou a auxiliar, a Taynnã pelas explicações de tudo que eu não entendi, a Priscila por ser ouvinte dos próximos emocionais que precisei desabafar, a Catarina por se manter neutra em tudo, a Elis pela eterna alegria mesmo nos momentos mais tensos, sorrimos juntas com sua inocência, a Damiana por sua imparcialidade e desespero conjuntos. Estas amigas eu espero tê-las por muitos e muitos anos.

A minha orientadora Maria Lindaci por todo tempo precioso que me dedicou para a realização desse artigo, muito obrigada pelos seus conhecimentos que me ajudaram na concretização do meu curso.

A professora Patrícia por todo seu carinho, e ajuda com textos e materiais didáticos para ajuda nesse projeto.

Ao professor Anselmo pela disponibilização em participar da banca.

Enfim agradeço a todos que contribuíram de forma direta e indireta para a realização do meu objetivo de ter um curso superior.

RESUMO:

A história do negro no livro didático ainda precisa ser analisada de forma mais profunda. Este respectivo trabalho se propõe a discutir as lacunas que se constituem presentes no Ensino de História no que tange a abordagem do negro no livro didático do Ensino Médio. Com autores como Borges (2009) e Souza (2011) abordaremos como foi construída a história do negro no livro didático a partir da proposta de análise dos livros de Fonseca (2004) e Bittencurt (2012). Apontaremos e identificaremos também através dos livros didáticos como são construídas as narrativas das imagens e como se dá a utilização do mesmo na sala de aula.

PALAVRA-CHAVE: Ensino de história. História africana. Livro didático

INTRODUÇÃO

O livro didático surgiu no Brasil durante o governo de Getúlio Vargas, esses livros entraram com a proposta de um complemento aos livros clássicos que já eram utilizados nas escolas.

Inicialmente seu principal objetivo era ajudar na alfabetização e divulgação das ciências, como é o caso da História e da Filosofia. Hoje o livro didático se tornou uma arma fundamental para a transmissão do conhecimento utilizada, algumas vezes como instrumento de repasse de uma verdade absoluta, e se disseminou por inúmeras áreas. Os livros didáticos variam de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade e que os interesses públicos ao qual estão inseridos, as reformas curriculares do sistema educacional brasileiro, as mudanças sociais, econômicas e políticas, e o próprio desenvolvimento nas pesquisas históricas são fatores que trazem variações e atualizações nos conteúdos das temáticas dos livros, dificultando também um padrão para todas as escolas.

Quando voltamos o olhar sobre determinadas temáticas nos livros didáticos nos deparamos como são pouco trabalhadas. Podemos citar como exemplo e também como ação norteadora do nosso trabalho a “falta” de se

trabalhar de forma mais expansiva a temática da África, e como é tratada como se fosse a-histórica, isto é, um continente marcado por guerras, fomes, epidemias, misérias, sem nenhum contexto histórico - político – social e cultural, ficando reduzida apenas a estereótipos. Alguns desses livros nem mencionam a história africana, só apresentam a história do negro durante a escravidão no Brasil colonial do século XIX, em uma representação inferiorizada, simbolizada pelo fracasso, violência e insucesso.

Há uma necessidade de mostrar a história desse povo que foi e ainda é muito importante para nosso país, pois, não serviram só de mão - de - obra escrava, mas nos trouxeram suas tradições e costumes, que contribuíram para nossa formação social e cultural.

Em 2003 foi lançada a Lei Federal nº 10639/2003, que trouxe modificações para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), obrigando o ensino de cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas de todo o país. A Lei tem como finalidade fazer um resgate histórico para que as pessoas negras afro-brasileiras conheçam um pouco mais o Brasil e melhor sua própria história.

Tendo em vista a importância em refletirmos sobre a imagem do negro no livro didático principalmente a partir da obrigatoriedade da discussão do negro no que trata a lei 10639/2003, entendemos que a nossa pesquisa trás uma contribuição significativa no sentido de perceber de que forma o negro esta representado no livro didático já reformulados após a lei.

Foi pensando nessa “ ausência ” da história africana no livro didático brasileiro que pretendemos analisar as representações da história africana através das imagens. Compreender não apenas as imagens como ilustração no livro didático mas, um entendimento de forma visual, o que possibilita através do olhar que, pode causar impactos distintos ao indivíduo que a observa.

Foi a partir deste contexto que tivemos como intuito nesse trabalho, identificar as formas de apropriação das imagens no livro didático do ensino médio, isto é, como ilustração ou como um texto a ser lido.

Refletir a imagem do negro, percebendo-o enquanto protagonista social a partir da relação entre imagem e cultura afro brasileira.

A metodologia que fundamenta a minha pesquisa é de cunho bibliográfico tendo em vista que estaremos dialogando com autores que tratam da questão do livro didático como Circe Bittencourt (2012), que trabalha a questão do uso das imagens no livro didático e Thais Nivia de Lima Fonseca(2004) com pesquisas sobre imaginário e representações no ensino de História para a educação do Brasil, a pesquisa também é de cunho iconográfico tendo em vista que faremos a leitura da imagem tomando-a como uma fonte histórica.

Com bases nesses aspectos estaremos fazendo a análise do livro didáticos já reformulados a partir de 2005, investigando se a abordagem da história africana continua com a visão eurocêntrica ou se apresentou novas perspectivas histórica.

Nosso trabalho foi estruturado em três partes sendo a primeira parte intitulada **A trajetória do ensino de História no Brasil**, abordando o percurso da história como disciplina escolar e sua pesquisa até as últimas décadas do século XX, nos baseando na obra de Thais Nivia de Lima e Fonseca (2004). O segundo tópico intitulado "**Análise das Imagens do negro no livro didático do ensino médio**", auxiliado na discussão da autora Circe Bittencourt (2012). No terceiro e último tópico intitulado "**A Representação da história africana no livro didático do ensino médio reformulados após a lei 10.639/2003**".

Utilizando dos seguintes livros didáticos para a análise: HISTÓRIA da civilização ocidental de Antonio Pedro e Lizânias de Souza Lima (FTD, volume unico, 2005). E, História: das cavernas ao terceiro milênio (editora moderna volume único, 2012) Patrícia Ramos Braick.

- **A trajetória do ensino de História no Brasil**

Ao longo do tempo o que conhecemos como a disciplina História passou por muitas mudanças como, por exemplo, o fato dela se desvincular da Filosofia para caminhar como disciplina independente. A partir do século XVIII é que a disciplina História começou a adquirir contornos mais precisos, podemos citar como um destes contornos o saber objetivamente elaborado e teoricamente fundamentado.

Da Idade Média ao século XVII predominou uma história catequizadora, apoiada na religião e marcada por uma concepção providencialista ocupando um lugar significativo inicialmente nas escolas. Esta história além de muito restrita à educação era vinculada as ideias religiosas como forma de conteúdo destinado ao ensino, apenas a partir dos tempos modernos é que a História vai ganhar espaço com o objetivo de formação das elites, quanto a isso podemos observar:

A afirmação do Estado-nação desviou, pouco a pouco, os objetivos do conhecimento histórico para o pragmatismo da política, servindo, cada vez mais, à educação dos príncipes e a legitimação do poder. O discurso historiográfico foi deixando de lado a genealogia de dinastias e de nações, traço que manteve forte até o início do século XX. (FONSECA, 2004).

A partir do século XVIII é que houve a preocupação com a educação do ensino de história diferente do ensino religioso com a atenção voltada para o ensinamento da nacionalidade sendo este estudo de acesso da nobreza, fazendo com que levasse o ensino de história a uma reforma nos conteúdos. As ideias iluministas colocando o homem como centro do universo, fez com que tais ideias se difundissem no ensino proporcionando tal reforma e afastando os ideais religiosos. Parte dessas reformas realizadas em vários

países europeus era com o intuito de desarticular o estado laico retirando a Igreja do sistema de ensino, quanto a isso podemos dizer:

Uma rejeição, mesmo que parcial, aos currículos desenvolvidos pelos jesuítas implicou sua substituição por outros que, considerados mais realistas nos pragmáticos, contemplassem a ciência moderna, as línguas nacionais e os conhecimentos históricos e geográficos. A crítica aos modelos educativos marcados pela influência da Igreja coadunava-se aos princípios laicizantes das propostas iluministas e seus modelos para a educação pautavam-se na perspectiva de uma formação para o progresso humano. (FONSECA, 2004).

Mesmo com o advento do período da Revolução Francesa e seus ideais a necessidade de uma nova legislação educacional e a definição dos pressupostos de formação do novo cidadão, não deu abertura para o ensino de história fazendo com que esta disciplina ainda continuasse como elemento secundário nos currículos escolares, sendo utilizada apenas como complemento dos estudos clássicos e da aprendizagem do latim. Neste contexto a História enquanto disciplina só iria funcionar para atender as questões da nacionalidade, apenas para fortalecimento do ideário nacional baseada nas ideias iluministas, "seria cada vez menos a história sagrada e cada vez mais a história da humanidade" (FONSECA, 2004). Quanto ao envolvimento dos ideários iluministas no ensino podemos destacar:

Acoplada às concepções universalistas dos iluministas, ela constituía, na França revolucionária, instrumento de referência para a reflexão sobre as civilizações e sobre o progresso da humanidade. A pedagogia revolucionária, no entanto, apostava muito mais nas festas cívicas e nas celebrações da memória da Revolução do que na eficácia do estudo do passado nacional, como

ocorreria,efetivamente,a partir do século XIX.(FONSECA, 2004).

Quando passou a ser de responsabilidade do Estado quanto a sua definição de objetivos e ao controle das ações relacionados a disciplina História, a organização dos sistemas do ensino público variou conforme as conjunturas nacionais,mas com uma preocupação com a formação de um cidadão adequado ao sistema social e econômico transformado pela consolidação do capitalismo e com o fortalecimento das identidades nacionais. É nesse momento que a História como campo de conhecimento começa a se organizar em termos de investigação e métodos, é com esse processo que a História vai se constituir como disciplina escolar, a partir das transformações epistemológicas que transformaram os seus objetos em conteúdo ensinável.

Com a afirmação das identidades nacionais e a legitimação dos poderes políticos a História surge como disciplina apresentando aos alunos o passado glorioso, e os grandes heróis de sua nação. Esses eram os principais objetivos da historiografia com participação de Estado que divulgavam em programas sociais e nos livros didáticos, elaborados sob estreito controle dos detentores do poder.

Assim, ao longo do século XIX,a questão do método dizia respeito não apenas a investigação histórica propriamente dita a objetividade,as técnicas,a crítica documental-,mas também ao ensino de História nas escolas primárias e secundárias,que deveria obedecer a procedimentos específicos,como a adequação de linguagem, a definição de prioridades em termos de conteúdo, a utilização de imagens úteis à compreensão da História da nação (FONSECA, 2004).

A história do ensino de História é um campo complexo, com caminhos que se dividem e se cruzam estando longe de se estabelecer um limite à

formalidade dos programas curriculares e dos livros escolares. Suas múltiplas relações com as várias dimensões da sociedade, sua posição como instrumento científico, político, cultural, para diferentes grupos, indica a riqueza de possibilidades para o seu estudo e o quanto ainda há para investigar. (FONSECA, 2003).

A discussão atualmente é sobre as questões acerca do ensino de História no Brasil, seus desafios, limites, e como melhorar seu desenvolvimento prático na sala de aula. Com relação a obra analisada da autora Thais Nívia de Lima e Fonseca podemos destacar:

As análises que buscam relacionar a produção historiográfica ao ensino de História, seja via programas curriculares, seja via livros didáticos, tem se concentrado no século XIX, justamente no momento em que a historiografia brasileira se constituía, no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o que também ocorria com a disciplina escolar História (...) (FONSECA, 2004).

O livro didático como material auxiliar nas discussões e apresentações de temáticas apresentadas na sala de aula são utilizados como recurso de complemento da fala do professor. Quanto o uso do livro didático a autora diz:

(...) Os estudos que envolvem os livros didáticos tem estimulado o desenvolvimento de projetos que contemplam desde a localização e a identificação desse tipo de material em escolas, arquivos e bibliotecas, até a organização de acervos em vários centros de pesquisa universitários e em alguns órgãos públicos ligados à educação como, por exemplo, a Biblioteca do Professor do Centro de Referência do Professor da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais e a Biblioteca do Livro Didático da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (...) (FONSECA, 2004).

Ainda com base na História como disciplina escolar no Brasil a autora apresenta a educação escolar no período colonial que foi marcada pela atuação da companhia de Jesus, que contavam com um arsenal de procedimentos e estratégias para garantir maior eficácia no processo evangelizador em relação aos indígenas. Além da construção por escrito da língua indígena, os jesuítas valorizaram em algumas áreas a circulação oral do saber. Para manter o controle intelectual das elites, a coroa portuguesa impediu que os jesuítas criassem Universidades, as diretrizes educacionais dos jesuítas, estabelecidas no *Ratio Studiorum*, de 1599 organizaram o ensino nos estabelecimentos brasileiros até a expulsão da Companhia de Jesus, em 1759 pelo Marquês de Pombal.

A administração pombalina contribuiu com a história do ensino com uma implantação de uma educação prática que visava, a formação dos quadros administrativos da burocracia estatal, que fariam avançar o desenvolvimento do país e garantiriam sua autonomia frente às potências europeias de então. A Universidade de Coimbra passou por uma reorganização nos seus métodos, currículos, criadas faculdades e estabelecimentos anexos, observando o "espírito moderno" que movia as reformas. O governo pombalino preocupou-se em garantir a realização desse projeto educacional por meio de padronização de currículos, do uso de livros e manuais escolares, direcionados a elite, pois a reforma de Pombal limitava o acesso a educação só às elites.

A reforma de Pombal não acompanhou as ideias e o Brasil não avançou quanto a educação universalizada, ficando o processo educativo fragmentado pelos sistemas das aulas avulsas, atendendo aos que tinham mais recursos financeiros, fazendo com que a camada mais simples ficasse desamparada pelo processo educativo por parte do Estado. A falta de recursos, de professores e de matéria didática fizeram com que aquelas famílias com poder aquisitivo utilizassem de seus recursos financeiros para o pagamento de aulas particulares, o que levou a uma instrução para o ambiente privado. Com relação às aulas de História pelas reformas pombalinas, havia uma preocupação para que o homem não esquecesse sua obrigação com Deus, com seu Rei e com sua nação.

Após a independência é que a História vai se constituir com disciplina escolar no Brasil no processo de estruturação de um sistema de ensino para o Império, com objetivos definidos e caracterizados como conjunto de saberes originado na produção científica e dotado para seu ensino, de métodos pedagógicos próprios, mas ainda direcionados à elite. O debate de como isso seria feito, expressava, de certa forma, os enfrentamentos políticos e sociais que ocorriam então no Brasil, envolvendo os liberais e os conservadores, o Estado e a Igreja. (FONSECA, 2004, P. 42).

- **Linha do tempo do ensino de História no Brasil**

A valorização de datas e eventos tidos como oficiais presentes no positivismo, durante muito tempo norteou o estudo e interpretação da história se refletindo também na forma com que é representada em livros didáticos que ainda seguem essa forma linear e cronológica de se fazer história.

Para que haja uma representatividade das mudanças que vão ocorrendo no ensino de História, apresentamos uma linha do tempo do ensino de História, que se inicia de 1549 com a chegada dos jesuítas, assim podemos observar os eventos históricos datados como oficiais com relação a trajetória do ensino.

Em **1549** os jesuítas chegam ao Brasil e fundam as primeiras escolas elementares brasileiras. Os textos históricos bíblicos eram usados apenas com o intuito de ensinar a ler e escrever.

No de **1837** o colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, inclui a disciplina como obrigatória. Nesse ano também é fundado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que defende uma visão nacionalista.

A partir de **1870** com a diminuição da influência política da Igreja sobre as questões de Estado, os temas que tem como base as ideias bíblicas são abolidas do currículo.

Em **1920** as escolas abertas por operários anarquistas tentam implantar a ótica das lutas sociais para entender a história. Mas elas são reprimidas e fechadas durante o governo de Arthur Bernades, alguns anos depois.

No ano **1934** é criado o primeiro curso superior de História, na USP. A academia nasce com uma visão tradicionalista, reforçando a sucessão de fatos como a linha mestra.

Em **1957** Delgado Carvalho publica a obra *Introdução Metodológica aos Estudos Sociais*, que serve de base para o processo de esvaziamento da História como disciplina autônoma.

A partir de **1971** a História e Geografia deixam de existir separadamente. No lugar delas é criada a disciplina de Estudos Sociais (empobrecendo os conteúdos escolares) e, ao mesmo tempo, a licenciatura na área.

Em **1976** o Ministério da Educação determina que, para dar aulas de Estudos Sociais, os professores precisam ser formados na área, fechando-se assim as portas para os graduados em História.

No ano **1986** a Secretaria da Educação do Município de São Paulo propõe o ensino por eixos temáticos. A proposta não é efetivada, mas vira uma referência na elaboração dos PCNs anos depois.

Em **1997** a abolição de Estudos Sociais dos currículos escolares História e Geografia voltam a aparecer separadamente, Especialistas começam a pensar novamente sobre as atuais especificidades de cada uma das disciplinas.

No ano de **1998** com a publicação dos PCNs, são definidos os objetivos da área. Entre eles está o de formar indivíduos de modo que eles se sintam parte da construção do processo histórico.

Só no ano de **2003** é que o Conselho Nacional da Educação determina que a história e a cultura afro-brasileira sejam abordadas em todas as escolas, o que mostra uma iniciativa oficial para desvincular o ensino da visão eurocêntrica.

- **Análise das Imagens do negro no livro didático do ensino médio**

A inserção da temática afro brasileira no livro didático a partir de 2003 com o lançamento da Lei Federal nº 10639/2003, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que obriga o ensino de cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas de todo o país visa fazer um resgate histórico para que as pessoas negras afro-brasileiras conheçam um pouco mais o Brasil e sua própria história.

As grandes questões da história da África estão em torno de saber quais as características específicas da história africana e como ela se insere em uma história geral da humanidade, o que a África tem de comum e diferenciado da história dos outros continentes e de que forma ela pode estar imersa em um contexto da história mundial, nesses aspectos podemos analisar de que forma a África está sendo representada no livro didático.

Em 2009, o MEC, por meio da então Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade (SECAD), e a SEPPIR elaboraram o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação para as Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Seu objetivo é contribuir "para que todo o sistema de ensino e as instituições educacionais cumpram as determinações legais, com vistas a enfrentar todas as formas de preconceito, racismo e discriminação, para garantir o direito de aprender e a equidade educacional, a fim de promover uma sociedade mais justa e solidária" (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial -SEPPIR).

Para se levar a história africana para a sala de aula é preciso desconstruir alguns estereótipos que marcam negativamente este continente, é um desafio de trabalhar a África desfazendo e refazendo conceitos, como a compreensão do continente africano foi marcada por uma interpretação eurocêntrica, só restou restringi-la ao tráfico de escravos e colonialismo.

O livro didático tem sido, desde o século XIX, o principal instrumento de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas mais diversas salas de

aulas e condições pedagógicas, servindo como mediador entre a proposta oficial do poder expressa nos programas curriculares e o conhecimento escolar ensinado pelo professor. (BITTENCOURT, 2012, pg. 72).

A educação escolar se caracteriza pela mediação didática pedagógica que se estabeleceu entre conhecimentos práticos e teóricos. Sendo assim, seus procedimentos e conteúdos devem adequar-se tanto a situação específica da escola a ao desenvolvimento do aluno quanto aos diferentes saberes a que recorrem. O uso do livro didático é de fundamental importância nesse processo.

A importância das imagens como recurso pedagógico tem sido destacada há mais de um século por editores e autores de livros escolares de História, segundo o historiador francês Ernest Lavisse, ver as cenas históricas era o objetivo fundamental que justificava, ou ainda justifica, a inclusão de imagens nos livros didáticos em maior número possível, significando que as ilustrações concretizam a noção altamente abstrata de tempo histórico, ainda segundo Lavisse as gravuras dos livros servem para facilitar a memorização dos conteúdos, sendo que o professor deve perceber se as legendas explicativas indicam na ilustração o que o aluno deverá observar e perceber da ideia contida no texto.

A percepção de qualquer imagem é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos, entendemos assim, que toda imagem incorpora uma forma de ver, o trabalho com imagens em sala de aula pode ainda se constituir em uma experiência riquíssima de aprendizado, servindo para o questionamento das verdades imagéticas, e para sua desnaturalização.

3. A Representação da história africana no livro didático do ensino médio reformulados após a lei 10.639/2003.

A partir das concepções do livro didático analisaremos como seu acervo iconográfico, com base em trabalhos que buscam refletir sobre como as ilustrações presentes nos livros didáticos de História são utilizados enquanto fontes visuais e a possibilidade de trabalhá-los de maneira crítica, contribuindo para a construção do conhecimento por parte do aluno e não apenas como forma ilustrativa para deixar o texto e as páginas mais atraentes.

Há quase 70 anos existe em nosso país o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o que possibilita aos profissionais da educação obter maior acesso as obras didáticas existentes e escolherem qual autor se encaixa melhor no perfil da sua instituição de ensino. No caso dos livros didáticos de História é possível localizar diferentes visões de temas, porém uma característica em comum fica a cargo do eurocentrismo, deixando de lado a civilização berço da Humanidade, como por exemplo, a África.

Em sua estrutura, os livros didáticos contêm textos, ilustrações e gráficos, todos esses componentes devem estar em função da aprendizagem que ele promete, através desses elementos e obedecendo uma lógica de funcionamento que tem como objetivo a prática pedagógica, com a condição de lê-lo e praticá-lo com a possibilidade de que a aprendizagem não se restrinja ao conteúdo que oferece, mas em conjunto com a concretização das atividades que ele propõe.

O livro didático também tem sido objeto constante de debates e pesquisa no meio acadêmico, se espera livros cada vez mais próximos as demandas sociais e coerentes com as práticas educativas autônomas dos professores, segundo a autora:

Mas, para entender o papel que o livro didático desempenha na vida escolar não basta analisar a ideologia e as defasagens dos conteúdos em relação à produção acadêmica ou descobrir se o material é fiel ou não às propostas curriculares. Para entender um livro

didático é preciso analisá-lo em todos os seus aspectos e contradições (BITTENCOURT, 2012, p. 72).

O universo de referências do professor e do aluno não pode esgotar-se no uso restrito do livro didático, pois este é limitado e condicionado por razões econômicas, ideológicas e técnicas. A linguagem direcionada ao público infantil e juvenil tem conduzido a simplificações que limitam sua ação na formação intelectual mais autônoma dos alunos, com base nisso o livro oferece uma orientação e cabe ao professor buscar outras fontes de forma a ampliar o tratamento dado aos conteúdos e fazendo o aluno sentir-se inserido no mundo a sua volta. O professor além do livro didático, sempre precisará de textos complementares para estudar conteúdos, suprir lacunas ou completar e ampliar informações.

No livro de História da civilização ocidental-Ensino Médio de Antonio Pedro & Lizânias de Souza Lima-2005 analisei de que forma é trabalhada a história africana, no capítulo I sobre a pré-história, procura explicar a origem do homem e identificar os fundamentos de sua evolução biológica e cultural.

Em um quadro gráfico de representação das características de alguns hominídeos, vemos que a maior parte dos achados arqueológicos é na região africana, então a origem da humanidade surgiu no continente africano e depois continuou por outros continentes.

No capítulo 17 intitulado "o Brasil do ouro", apresenta a economia do Brasil no período colonial, mostrando o negro como mão de obra escrava que vinham da África para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar, mostra também o crescimento do tráfico de escravos para as lavouras na medida que se expandia a cultura da cana-de-açúcar, mostrando a sociedade colonial, a vida no engenho, a violência contra os negros e a resistência dos negros contra o trabalho escravo, mais á frente dentro do mesmo capítulo, "A nova sociedade da era do ouro", vai mostrar as transformações sociais com a economia mineradora, utilizando do filme Xica da Silva para mostrar a representação dos aspectos básicos da vida colonial.

No capítulo IX, A era dos impérios contemporâneos, vai mostrar no período regencial as revoltas que ocorreram no Brasil, destacando a Revolta dos Malês, que durou apenas dois dias mas teve particular importância porque foi uma rebelião de escravos.

No livro de História: das cavernas ao terceiro milênio-volume único- Patrícia Ramos Braick; Myriam Becho Mota - 2012, o livro conta com um DVD com a visão de especialistas, que contém em seu acervo, leitura de textos que complementam a história do negro em "as primeiras impressões dos africanos sobre os europeus", "a importância da monocultura e do tráfico negreiro na vida colonial" e uma leitura de imagem sobre o "Apartheid".

O livro contém a biblioteca do estudante com textos complementares para o aprofundamento da reflexão sobre os temas propostas no livro, sugestões de sites, vídeos e livros e orientações para utilização de ferramentas digitais, que contém no capítulo 16, as práticas artísticas da África negra, as estruturas familiares das sociedades africanas, os elementos religiosos da África negra.

No Sumario do livro contém 46 capítulos, em que temos os seguintes temas, O movimento negro e a repressão, A África dos grandes reinos e Impérios, conhecendo a África, conhecendo o Brasil, o olhar estrangeiro sobre a África, a África pré-colonial, os reinos sudaneses, os reinos iorubás, o povo banto, a mulher e a família, cultos africanos, a escravidão africana, religião e sociedade na América portuguesa, sincretismo religioso, evangelização e Inquisição, religiosidade popular na colônia, as várias faces da família colonial, da nobreza aos desclassificados, o trabalho escravo.

No capítulo 30, temos O governo de D.Pedro I e o período regencial, retrata A revolta dos Malês: Bahia, 1835.

No capítulo 32, A questão racial, no 33, O imperialismo na África e na Ásia, A missão do homem branco, A partilha da África, com texto complementar : A resistência africana. E no capítulo 45, Conflitos regionais e a economia globalizada - África estudos de caso.

Ao analisar o livro de história denominado: História da civilização ocidental, de 2005, percebeu que houve a inclusão parcial da história africana, pois trata de assuntos relacionados à origem dos hominídeos, a escravidão e uma revolta de resistência, existe pouca informação da história da cultura africana, apesar da lei de inclusão obrigar a inserção da história afro-brasileira no livro didático.

No livro História: das cavernas ao terceiro milênio, do ano de 2012 apresenta a em sua temática relacionada à história africana, um conteúdo quase total do mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho nos propomos a discutir de que forma é trazido o negro no livro didático do ensino médio após a lei de número 10.639/2003 ter sido sancionada. No que tange as abordagens acerca de como é trabalhada a história do mesmo, tentamos a partir das narrativas imagéticas que são trazidas em acompanhamento de seus respectivos textos mostrar como estas colocam o negro como sujeito vitimizado, baseando-se também em estereótipos.

Percebemos através de tais observações que partindo das análises dos livros, as discussões que incluem o negro em ambos os livros mostram o sujeito em questão, ainda de forma vitimizada e estereotipada, a partir disso podemos observar que enquanto a lei 10.639/2003 obriga a inclusão da história africana no livro didático, esta é pouco retratada e quando o é, não desvincula o negro de sua condição de vítima e nem retira seus estereótipos.

Concluimos assim todos os objetivos propostos, no sentido em que procuramos compreender como as imagens trazidas nos livros didáticos do ensino médio são trazidas e abordadas, sendo estas, ainda meramente ilustrativas.

Este trabalho se configura como importante para a compreensão e aprofundamento deste tema, no sentido em que o mesmo nos permitiu conhecer melhor e compreender como passou a ser abordada a História africana dentro do livro didático após a inserção da lei 10.639/2003. Além de nos permitir processos investigativos que permitam delimitar o lugar social do negro em tais livros.

ABSTRACT:

The history of black people in didactic book still needs to be analyzed more deeply. This their work is to discuss the gaps that are present in History teaching with respect to the black approach in the teaching of high school book. With authors like Borges (2009) and Souza (2011) discuss how it was built in the history of the black textbook from the analysis of the proposal Fonseca books (2004) and bittencurt (2012). Will point out and identify also through textbooks as the narrative images are constructed and how is its use in the classroom.

KEYWORD: Didactic africana. Book of History. History of Teaching.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

FONSECA, Thais Nivia de Lima. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

BITTENCOURTT, Circe. (Org). **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRAICK, Ramos. MOTA, Myrian Becho. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. São Paulo: Moderna, 2012.

PEDRO, Antônio. LIMA, Lizânias de Souza. **História da civilização ocidental**. São Paulo: FTD, 2005.